Para pT

♦

DRAMATIS PERSONAE

Por Ordem de Surgimento das Casas



A Nona Casa

Guardiões do Túmulo Fechado, Casa da Língua Cosida, Vestais Negras

Harrowhark Nonagesimus HERDEIRA DA CASA NONA, VENERÁVEL FILHA DE DREARBURH

Pelleamena Novenarius SUA MÃE, VENERÁVEL MÃE DE DREARBURH

Priamhark Noniusvianus SEU PAI, VENERÁVEL PAI DE DREARBURH

Ortus Nigenad CAVALEIRO PRIMÁRIO DA HERDEIRA

Crux MARECHAL DA CASA NONA

Aiglamene CAPITÃ DA GUARDA DA NONA

Irmã Lachrimorta FREIRA DO TÚMULO FECHADO

Irmã Aisamorta FREIRA DO TÚMULO FECHADO

Irmã Glaurica FREIRA DO TÚMULO FECHADO

Alguns seguidores diversos, cultistas e pessoas leigas da Nona

e

Gideon Nav MEMBRO EM SERVIDÃO DA CASA NONA



A Primeira Casa

Divino Necromante, Rei das Nove Renovações, O nosso Ressuscitador, o Necrolorde Supremo

O IMPERADOR
OS SEUS LYCTORES
E OS SACERDORES DA CASA CANAAN



A Segunda Casa

A Força do Imperador, Casa do Escudo Carmim, Casa do Centurião

Judith Deuteros HERDEIRA DA CASA SEGUNDA, PATENTE: CAPITÃ DA COORTE

Marta Dyas CAVALEIRA PRIMÁRIA DA HERDEIRA, PATENTE: PRIMEIRA-TENENTE DA COORTE



A Terceira Casa

A Boca do Imperador, a Procissão, Casa dos Mortos Cintilantes

Coronabeth Tridentarius HERDEIRA DA CASA TERCEIRA, PRINCESA HERDEIRA DE IDA

Ianthe Tridentarius HERDEIRA DA CASA TERCEIRA, PRINCESA DE IDA

Naberius Tern CAVALEIRO PRIMÁRIO DAS HERDEIRAS, PRÍNCIPE DE IDA



A Quarta Casa

A Esperança do Imperador, a Espada do Imperador

Isaac Tettares HERDEIRO DA CASA QUARTA, BARÃO DE TISIS

Jeannemary Chatur CAVALEIRA PRIMÁRIA DO HERDEIRO, CAVALEIRA DE TISIS



A Quinta Casa

O Coração do Imperador, os Vigilantes do Rio

Abigail Pent HERDEIRA DA CASA QUINTA, LADY DE KONIORTOS COURT

Magnus Quinn cavaleiro primário da herdeira, mordomo-mor de koniortos court



A Sexta Casa

A Razão do Imperador, os Mestres Guardiões

Palamedes Sextus herdeiro da casa sexta, mestre guardião de library

Camilla Hect cavaleira primária do herdeiro, braço do guardião de library



A Sétima Casa

A Alegria do Imperador, a Rosa Não Soprada

Dulcinea Septimus herdeira da casa sétima, duquesa de rhodes

Protesilaus Ebdoma cavaleiro primário da herdeira, cavaleiro de rhodes



A Oitava Casa

Guardiões do Tomo, a Casa do Perdão

Silas Octakiseron herdeiro da casa oitava, mestre templário do copo branco

Colum Asht cavaleiro primário do herdeiro, templário do copo branco

Dois é para a disciplina, descuidando as provações;
Três é para o brilho de uma joia ou um sorriso;
Quatro é para a fidelidade, olhando em frente;
Cinco é para a tradição e para as dívidas com os mortos;
Seis é para a verdade, acima do consolo nas mentiras;
Sete é para a beleza que floresce e morre;
Oito é para a salvação, não importa o custo;
Nove é para o Túmulo e para tudo o que foi perdido.

ATO UM





1

No miríadico ano do nosso Senhor — o décimo milésimo ano do Rei Imortal, o bondoso Príncipe da Morte! — Gideon Nav arrumou a sua espada, os seus sapatos e as suas revistas obscenas e fugiu da Casa Nona.

Não correu. Gideon nunca corria, a menos que fosse necessário. Na escuridão absoluta de antes do amanhecer, escovou os dentes sem preocupação, lavou o rosto com água e chegou até a varrer o pó do chão da sua cela. Sacudiu a sua grande capa preta de igreja e pendurou-a no gancho. Tendo feito isto todos os dias durante mais de uma década, já não precisava de luz para o fazer. A esta altura do equinócio, nenhuma luz iria chegar ali durante meses, de qualquer modo, e só era possível saber-se a estação do ano pelo barulho que as saídas de ar quente faziam. Vestiu-se da cabeça aos pés com tecido polimérico sintético. Penteou o cabelo. Depois, assobiou entre os dentes enquanto destrancava a sua algema de segurança e a colocava cuidadosamente sobre o travesseiro, juntamente com a chave roubada, como um chocolate num hotel de luxo.

Saindo da sua cela e pondo a mochila sobre o ombro, aproveitou para descer cinco lanços de escada até ao nicho sem nome da sua mãe na catacumba. Era puro sentimentalismo, já que a sua mãe não estava ali desde que Gideon era pequena e nunca mais voltaria para lá. Depois, veio a longa caminhada de vinte e dois lanços de escada pelas traseiras, sem nenhuma luz para aliviar a escuridão oleosa, em direção ao poço de bifurcação e ao fosso onde o seu transporte iria chegar. O vaivém deveria chegar dali a duas horas.

Aqui fora, tinha-se uma vista desobstruída até um pedaço do Nono céu. Era branco e espesso onde a atmosfera era bombeada de forma mais densa, e esparso e azul-marinho onde não era. A pérola brilhante de Dominicus piscava de modo benigno desde a boca do longo túnel vertical. No escuro, deu uma volta pelo perímetro do campo e pressionou as mãos com força contra a rocha fria e oleosa das paredes da caverna. Depois de fazer isso, passou bastante tempo a desfazer metodicamente com o pé cada montículo inofensivo de terra e pedras que tinha sido deixado no chão desgastado do campo de aterragem. Cravou a biqueira de aço coçada da sua bota no chão compactado, mas, satisfeita com a improbabilidade de alguém cavar ali, deixou-o em paz. Gideon não deixou um centímetro daquele enorme espaço vazio por verificar e, quando as luzes do gerador voltaram a funcionar, sem entusiasmo, verificou tudo duas vezes com o olhar. Subiu pelas estruturas de malha de arame dos holofotes e verificou-as também, cega pelo brilho, tateando às cegas atrás da estrutura metálica e sentindo-se sombriamente reconfortada pelo que não encontrou.

Sentou-se numa das pilhas destruídas de escombros mesmo no centro. As lâmpadas tiravam o brilho a qualquer luz real. Criavam de modo explosivo sombras malformadas em redor. As sombras da Nona eram profundas e instáveis, da cor de hematomas e frias. Naquele ambiente, Gideon recompensou-se com um pequeno saco de plástico de papa. O sabor era maravilhosamente cinzento e horrível.

A manhã começou como todas as outras manhãs na Nona desde que a Nona começara. Ela deu uma volta pelo vasto local de aterragem, apenas para mudar de ritmo, chutando distraidamente um monte desfeito de cascalho enquanto caminhava. Foi até ao nível da varanda e olhou para baixo, para a caverna central, em busca de sinais de movimento, enquanto retirava a papa dos molares com a ponta da língua. Ao fim de algum tempo, ouviu-se o chocalhar distante dos esqueletos que iam colher mecanicamente os alhos-porros da neve nos campos de plantio. Gideon viu-os mentalmente: marfim sujo na penumbra sulfurosa, com as picaretas a bater no chão e olhos como uma multidão de pontos vermelhos tremeluzentes.

O Primeiro Sino convocou o início das orações, soando como sempre. Um toque desafinado e queixoso como se estivesse a ser pontapeado por uma escada. Era uma espécie de *BLA-BLANG… BLA-BLANG… BLA-BLANG* que a acordara todas as manhãs, desde que se lembrava. Houve movimento. Gideon espreitou para baixo, onde sombras se reuniam junto das portas brancas e frias do Castelo Drearburh, imponente na terra, encaixado na rocha com três corpos de largura e seis de altura. De ambos os lados da porta, havia dois braseiros a arder perpetuamente com um fumo gorduroso e desagradável. Acima das portas, havia pequenas figuras brancas numa infinidade de poses, centenas ou milhares delas, esculpidas usando algum truque estranho que fazia com que os seus olhos parecessem olhar diretamente para nós. Sempre que era obrigada a passar por aquelas portas em criança, Gideon gritava como se estivesse a morrer.

Agora, havia mais atividade nos níveis mais baixos. A luz tinha-se estabilizado criando visibilidade. Os da Nona iriam sair das suas celas após a contemplação matinal, preparando-se para ir para a oração, enquanto os servos de Drearburh estariam a preparar-se para o dia que se seguia. Iriam realizar muitos rituais solenes e inúteis nos recantos inferiores. Gideon atirou o seu saco de papa vazio por cima do corrimão e sentou-se com a espada sobre os joelhos, limpando-a com um pedaço de pano. Faltavam quarenta minutos.

De repente, o tédio imutável de uma manhã da Nona mudou. O Primeiro Sino soou *outra vez*: *BLANG… BLA-BLANG… BLA-BLANG…* Gideon inclinou a cabeça para ouvir, percebendo que as suas mãos se tinham imobilizado sobre a espada. O sino tocou vinte vezes antes de parar. Hã? Toque de reunir. Ao fim de algum tempo, ouviu-se de novo o barulho dos esqueletos, que tinham obedientemente largado as picaretas e as enxadas para atenderem à convocação. Desceram os níveis numa corrente angular, interrompida de vez em quando por alguma figura manca vestida com roupa de um preto enferrujado. Gideon pegou novamente na sua espada e no pano. Fora uma tentativa gira, mas não ia cair nela.

Não olhou para cima quando passos pesados e arrastados soaram no seu nível, nem quando ouviu um chocalhar de armaduras enferrujadas e o som enrouquecido de alguém a respirar.

— Trinta minutos inteiros desde que eu a tirei, Crux — disse ela, com as mãos ocupadas. — É quase como se quisesse que eu me fosse embora daqui para sempre. *Ohhhh, merda, mas quer mesmo.*

— Pediste uma nave através de um embuste — borbulhou o marechal de Drearburh, cujo principal atributo para a fama era estar mais decrépito vivo do que alguns dos legitimamente mortos. Ele parou diante dela no campo de aterragem e gorgolejou de indignação. — Falsificaste documentos. Roubaste uma chave. Removeste a tua algema. Prejudicaste esta casa, abusaste dos seus bens, roubaste as suas reservas.

— Vá lá, Crux, podemos chegar a um acordo — persuadiu Gideon, virando a espada e examinando-a criticamente em busca de arranhões. — Você odeia-me, eu odeio-o. Deixe-me ir sem luta e poderá reformar-se em paz. Arranje um passatempo. Escreva as suas memórias.

— Tu *prejudicas* esta casa. *Abusas* dos seus bens. *Roubas* as suas reservas. — Crux adorava verbos.

— Digamos que o meu vaivém explodiu. Eu morri e foi uma pena. Dê-me um desconto, Crux, estou a implorar. Ofereço-lhe uma revista erótica. *Tetas da Quinta na Linha da Frente*. — Aquilo deixou o marechal momentaneamente chocado demais para responder. — Está bem, está bem. Retiro o que disse. *Tetas da Quinta* não é uma publicação verdadeira.

Crux avançou como um glaciar com um objetivo. Gideon deixou o seu assento, rebolando para trás, quando o punho antigo desceu, deslizando para fora do caminho do marechal com uma chuva de pó e cascalho. Guardou rapidamente a sua espada na bainha e segurou a bainha nos braços como uma criança. Impulsionou-se para trás, para fora do caminho da bota dele e das suas mãos enormes e grisalhas. Crux podia estar quase morto, mas era forte como uma rocha, com o que pareciam ser trinta nós dos dedos em cada punho. Era velho, mas era terrivelmente assustador.

— Calma, marechal — disse Gideon, embora fosse ela quem se estava a debater na terra. — Se levar isto adiante corre o risco de se divertir.

— Falas demasiado alto para uma *escrava*, Nav — disse o marechal. — Falas demasiado para uma *dívida*. Odeio-te, mas és minha

mercadoria e meu inventário. Registei os teus pulmões como pulmões da Nona. Medi a tua vesícula como vesícula da Nona. O teu cérebro é uma esponja básica enrugada, mas também é da Nona. Vem cá e eu ponho-te um olho roxo e mato-te.

Gideon recuou, mantendo distância.

— Crux — disse ela —, uma ameaça deve ser «Vem cá, *ou*…»

— Vem cá e eu ponho-te os olhos negros e mato-te — grasnou o velho avançando — e, depois, a Senhora disse para ires ter com ela.

Só então as palmas das mãos de Gideon formigaram. Olhou para o espantalho que se erguia diante dela e ele devolveu o olhar com um olho só, horrível e sinistro. A armadura antiquada parecia estar a apodrecer no seu corpo. Embora a pele lívida e demasiado esticada do seu crânio parecesse prestes a descascar-se, ele dava a impressão de simplesmente não se importar. Ainda que não tivesse um pingo de necromancia em si, Gideon suspeitava que no dia em que morresse, Crux continuaria vivo por pura malvadez.

— Ponha-me os olhos negros e mate-me — disse ela lentamente —, mas a sua Senhora pode ir direita para o inferno.

Crux cuspiu nela. Foi nojento, mas não importava. A mão dele foi até à longa faca guardada sobre o ombro numa bainha manchada de bolor, que ele retorceu para mostrar uma lâmina fina. Vendo isso, Gideon levantou-se com a sua bainha diante do corpo como um escudo. Uma mão estava no punho e a outra no fecho da bainha. Os dois enfrentaram-se num impasse, ela muito quieta e o velho com a respiração ruidosa e húmida.

Gideon disse:

— Não cometa o erro de sacar a espada contra mim, Crux.

— Não és nem metade do que pensas que és com essa espada, Gideon Nav — disse o marechal de Drearburh —, e um dia vou esfolar-te por desrespeito. Um dia, vamos usar os teus membros para fazer papel. Um dia, as irmãs do Túmulo Fechado vão escovar o ossário com as tuas cerdas. Um dia, os teus ossos obedientes vão varrer todos os lugares que desprezas e fazer com que as pedras brilhem com a tua gordura. Há uma reunião, Nav, e eu ordeno que vás de imediato.

Gideon perdeu a paciência.

— Vá você, seu velho cão morto, e pode dizer-lhe que eu já me fui embora.

Para sua enorme surpresa, o velho deu meia-volta e voltou a coxear para o nível escuro e escorregadio. Ele resmungou e praguejou durante todo o caminho e ela disse a si mesma que já tinha vencido antes mesmo de acordar, naquela manhã; que Crux era um símbolo de controlo impotente, uma última tentativa de testar se ela era burra o suficiente ou covarde o suficiente para voltar para trás das grades frias da sua prisão. O coração cinzento e pútrido de Drearburh. O coração ainda mais cinzento e pútrido da sua senhora.

Ela tirou o relógio do bolso e verificou; faltavam vinte minutos para partir, um quarto de hora e pouco. Gideon estava livre. Gideon tinha-se ido embora. Nada nem ninguém poderia mudar isso agora.

***

— O Crux está a dizer mal de ti a quem quiser ouvir — disse uma voz da entrada, quando faltavam quinze minutos. — Disse que lhe mostraste a tua lâmina nua. Disse que lhe ofereceste pornografia doentia.

As palmas das mãos de Gideon formigaram novamente. Sentara-se de novo no seu desajeitado trono de pedras e equilibrara o relógio entre os joelhos, olhando para o pequeno ponteiro mecânico que contava os minutos.

— Não sou assim tão burra, Aiglamene — disse ela. — Se ameaçasse um funcionário da casa, não daria nem para limpar casas de banho na Coorte.

— E a pornografia?

— Ofereci-lhe, de facto, um trabalho estupendo de natureza mamária e ele ficou ofendido — disse Gideon. — Foi um momento perfeito. Mas a Coorte não se vai importar com isso. Já mencionei a Coorte? Conhece a Coorte, certo? A Coorte para onde parti para me alistar… *trinta e três vezes*?

— Poupa o drama, sua bebé — disse a sua mestre de espadas. — Eu conheço os teus desejos.

Aiglamene arrastou-se até à pequena luz do campo de aterragem. A capitã da guarda da Casa tinha uma cabeça cheia de cicatrizes derretidas e uma perna em falta, que um especialista ósseo de talento

indiferente lhe tinha substituído. A perna curvava-se de modo horrível e dava-lhe a aparência de um edifício com fundações apressadamente reforçadas. Era mais nova do que Crux, o que significava que era velha como o caraças, mas tinha uma rapidez, uma vivacidade, que era pura. O marechal era um Nono clássico e era podre até ao osso.

— Trinta e três vezes — repetiu Gideon, um pouco cansada. Verificou o seu relógio; faltavam catorze minutos. — Na última vez, ela prendeu-me no elevador. Na vez anterior, desligou o aquecimento e eu fiquei com queimaduras de frio em três dedos dos pés. Na vez anterior a essa, envenenou a minha comida e eu passei um mês a cagar sangue. Preciso de continuar?

A sua professora permaneceu impassível.

— Não houve nenhum prejuízo. Não pediste a permissão dela.

— Tenho permissão para me alistar no exército, Capitã. Tenho um contrato de servidão, não sou uma escrava. Não tenho utilidade financeira para ela aqui.

— Isso não vem ao caso. Escolheste um dia mau para fugir. — Aiglamene acenou com a cabeça para baixo. — Há assuntos da Casa a tratar e tu és esperada lá em baixo.

— Isto é ela triste e desesperada — disse Gideon. — É a obsessão dela… é a necessidade dela de controlar tudo. Não há nada que ela possa fazer. Eu vou cumprir as regras. Vou ficar calada. Até vou… (e pode escrever isto, pode citar-me) *cumprir o meu dever* para com a Nona Casa. Mas não finja, Aiglamene, que assim que eu descer não me será colocado um saco sobre a cabeça e eu não passarei as próximas cinco semanas com uma concussão num ossário.

— Seu feto egocêntrico, achas que a nossa Senhora fez soar o toque de reunião só para ti?

— Ora, veja bem, a sua Senhora incendiaria o Túmulo Fechado se isso significasse que eu nunca mais veria outro céu — disse Gideon, olhando para cima. — A sua Senhora comeria um bebé sem pestanejar se isso significasse que me poderia prender para sempre. A sua Senhora espalharia fezes em chamas nas tias-avós se achasse que isso arruinaria o meu dia. A sua Senhora é a mais nojenta c…

Quando Aiglamene a esbofeteou, não havia nada da indignação trémula com que Crux a teria esbofeteado. Ela deu simplesmente uma bofetada a Gideon da mesma forma que se bate num animal que ladra. A cabeça de Gideon ficou a vibrar de dor.

— Esqueces-te de quem és, Gideon Nav — disse a sua professora secamente. — Não és escrava, mas servirás a Nona Casa até ao dia da tua morte e depois disso, e não cometerás nenhum pecado de perfídia na *minha* presença. O sino era real. Virás à reunião por tua própria vontade ou vais desonrar-me?

Houve um tempo em que ela fizera muitas coisas para evitar desonrar Aiglamene. Era fácil ser uma vergonha no vácuo, mas ela tinha um fraquinho pela velha soldado. Nunca ninguém a amara na Nona Casa e Aiglamene, com toda a certeza, não a amava e teria rido até à sua morte tardia perante tal ideia, mas havia nela uma certa tolerância, uma disposição para soltar as rédeas e ver o que Gideon poderia fazer com liberdade total. Gideon adorava ter liberdade total. Aiglamene convencera a Casa a colocar uma espada nas mãos de Gideon e a não a desperdiçar no serviço ao altar ou a trabalhar no ossário. Aiglamene não era descrente. Gideon olhou para baixo e limpou a boca com as costas da mão. Viu sangue na saliva e viu a sua espada, e ela amava tanto a espada que poderia casar-se com ela.

Mas também viu o ponteiro dos minutos do seu relógio a avançar, a avançar. Faltavam doze minutos. Uma pessoa não se libertava ficando sentimental. Apesar de toda a sua fragilidade decadente, a Nona era dura como ferro.

— Acho que a vou desonrar — admitiu Gideon com facilidade. — Sinto que nasci para isso. Sou naturalmente humilhante.

A sua mestre de espadas manteve o olhar fixo nela com o seu rosto de falcão envelhecido e as suas órbitas oculares salientes, e o olhar era severo, mas Gideon não desviou o olhar. Teria sido um pouco mais fácil se Aiglamene tivesse agido como Crux e a tivesse amaldiçoado generosamente, mas tudo o que ela disse foi:

— Aprendes tão depressa e ainda não compreendes. A culpa é minha, suponho. Quanto mais lutas contra a Nona, Nav, mais fundo ela te leva; quanto mais alto a amaldiçoas, mais alto eles te fazem gritar.

Com as costas retas como uma vara, Aiglamene afastou-se com o seu estranho andar oscilante e Gideon sentiu-se como se tivesse falhado num teste. Não importava, disse a si mesma. Dois já foram, não falta nenhum. Onze minutos até aterrar, disse-lhe o seu relógio. Onze minutos e ela estaria fora dali. Isso era a única coisa que importava. Era a única coisa que importava desde que uma Gideon muito mais jovem percebera que, a menos que fizesse algo drástico, iria morrer ali, na escuridão.

E, o pior de tudo, isso seria apenas o *começo*.

***

Nav era um nome da Nona, mas Gideon não sabia onde tinha nascido. O planeta remoto e insensível onde ela vivia era o lar tanto da fortaleza da Casa como de uma pequena prisão, usada apenas para criminosos cujos crimes eram demasiado repugnantes para que as suas próprias Casas os reabilitassem no seu território. Ela nunca tinha visto o local. A Nona Casa era um enorme buraco aberto verticalmente no núcleo do planeta e a prisão era uma instalação em forma de bolha situada a meio caminho da atmosfera, onde as condições de vida eram provavelmente muito mais clementes.

Um dia, há dezoito anos, a mãe de Gideon caíra através do poço com um paraquedas e um fato de proteção danificado, como uma mariposa a flutuar lentamente na escuridão. O fato estava sem energia há alguns minutos. A mulher aterrara em morte cerebral. Toda a energia da bateria fora sugada por um contentor biológico conectado ao fato, do tipo usado para transportar um membro transplantado, e, dentro desse contentor, estava Gideon, com apenas um dia de vida.

Isso era obviamente bastante misterioso. Gideon passara a vida inteira a analisar os factos. A mulher devia ter ficado sem energia uma hora antes de aterrar; era impossível que tivesse escapado da gravidade se tivesse sido largada acima do planeta, pois o seu fato simples teria explodido. A prisão, que registava obsessivamente todas as entradas e saídas, negou que ela fosse uma fugitiva. Algumas das freiras-especialistas do Túmulo Fechado foram chamadas, aquelas que conheciam os segredos para aprisionar fantasmas. Mesmo elas — antigas no seu poder

na altura, necromantes experientes da poderosa e sombria Nona Casa — não conseguiram trazer a sombra da mulher de volta para se explicar. Ela não se deixou seduzir por sangue fresco ou velho. Estava demasiado longe quando as freiras exaustas a amarraram à força, como se a morte tivesse sido um catalisador para a mulher desaparecer, e elas só lhe conseguiram extrair uma palavra. Ela gritou: *Gideon! Gideon! Gideon!* três vezes e desapareceu.

Se a Nona — a enigmática e misteriosa Nona, a Casa da Língua Cosida, a Casa do Anacoreta, a Casa dos Segredos Heréticos — ficou perplexa por ter uma criança nas mãos, a casa agiu rapidamente, de qualquer modo. Historicamente, a Nona tinha enchido os seus salões com penitentes de outras casas, místicos e peregrinos que achavam o chamado dessa ordem sombria mais atraente do que os seus próprios direitos de nascença. Nas antiquadas regras daqueles suplicantes que se moviam entre as oito grandes casas, ela foi considerada um pequeno ser em servidão, não *da* Nona, mas a ela subordinada. Que dívida maior poderia ser acumulada do que a de ser criada? Que posição mais honrosa do que a de vassala de Drearburh? Deixassem a bebé crescer como postulante. Empurrassem a criança para ser oblata. Eles marcaram-na, deram-lhe um apelido e colocaram-na no berçário. Naquela época, a pequena Nona Casa ostentava duzentas crianças entre a infância e os dezanove anos, e Gideon era a ducentésima primeira.

Menos de dois anos depois, Gideon Nav seria uma das três únicas crianças restantes: ela, um rapaz muito mais velho e a herdeira bebé da Nona Casa, filha de seu senhor e senhora. Eles souberam aos cinco anos que ela não era uma necromante e suspeitaram aos oito que nunca seria uma freira. Com toda a certeza, teriam sabido aos dez que ela sabia demais e que nunca a poderiam deixar ir.

Os apelos de Gideon à bondade, recompensas financeiras, obrigações morais, planos delineados e simples tentativas de fugir somavam oitenta e seis quando ela chegou aos dezoito anos. Ela tinha começado quando tinha quatro.



2

Faltavam cinco minutos quando o octogésimo sétimo plano de fuga de Gideon correu terrivelmente mal.

— Vejo que a tua estratégia genial, Griddle — disse uma voz final vinda da entrada no nível —, foi chamar um vaivém e saíres pela porta.

A Senhora da Nona Casa estava diante do poço de perfuração, vestida de preto e com um sorriso sarcástico. A Venerável Filha Harrowhark Nonagesimus dominava praticamente o mercado do uso de preto e dos sorrisos de desdém. Isso constituía cem por cento da sua personalidade. Gideon maravilhava-se com o facto de alguém poder viver no Universo durante apenas dezassete anos e, ainda assim, usar preto e sorrir com desdém com tanta autoconfiança ancestral.

Gideon disse:

— Ei, o que posso dizer? Sou um estratego.

As vestes ornamentadas e ligeiramente sujas da Casa arrastaram-se pela poeira enquanto a Venerável Filha se aproximava. Ela trouxera o seu marechal e Aiglamene também. Havia algumas Irmãs atrás dela no nível, ajoelhadas. As monjas pintavam os rostos de cinzento alabastro e desenharam padrões pretos nas faces e lábios, como caveiras. Vestidas com tecidos de um preto enferrujado, pareciam uma galeria de máscaras tristes e velhas à altura da cintura.

— É embaraçoso que tenha chegado a este ponto — disse a Senhora da Nona, puxando o capuz para trás. O seu rosto pálido pintado era uma mancha branca entre todo o preto. Até as suas mãos estavam enluvadas. — Não me importo que fujas. Importo-me que o faças mal. Tira a mão da espada, estás a humilhar-te.

— Em menos de dez minutos, vai chegar um vaivém que me vai levar para Trentham, na Segunda — disse Gideon e não tirou a mão da espada. — Eu vou entrar nele. Vou fechar a porta. Vou acenar um adeus. Não há literalmente nada que possas fazer para me impedir.

Harrow colocou uma mão enluvada diante de si e massajou os dedos pensativamente. A luz incidia sobre o seu rosto pintado, o queixo manchado de preto e o cabelo curto cor de corvo morto.

— Está bem. Vamos jogar este jogo por uma questão de interesse — disse ela. — Primeira objeção: a Coorte não alistará um servo não libertado, tu sabes.

— Eu falsifiquei a tua assinatura no formulário de libertação — disse Gideon.

— Mas basta uma palavra minha e serás trazida de volta algemada.

— Não dirás nada.

Harrowhark colocou dois dedos em volta do pulso e moveu lentamente a mão para cima e para baixo.

— É uma história bonita, mas mal caracterizada — disse ela. — Porquê a súbita misericórdia da minha parte?

— Assim que me negares permissão para ir — disse Gideon, com a mão imóvel na bainha —, assim que me chamares de volta; assim que deres um motivo à Coorte, ou, sei lá, alguma lista de acusações criminais forjadas…

— Algumas das tuas revistas são muito desagradáveis — admitiu a Senhora.

— Esse será o momento em que me vou chibar — disse Gideon. — Vou chibar-me tão alto e por tanto tempo que me ouvirão na Oitava. Conto-lhes tudo. Tu sabes o que eu sei. E conto-lhes os números. Eles podem trazer-me para casa algemada, mas eu voltarei a rir à gargalhada.

Ao ouvir aquilo, Harrowhark parou de mexer no seu escafoide e olhou para Gideon. Acenou com a mão de forma bastante brusca para o clube de fãs geriátricos atrás de si e estes dispersaram-se, cambaleando, beijando o chão e fazendo chocalhar os seus rosários e as suas articulações dos joelhos sem lubrificação, desaparecendo depois na escuridão e descendo do nível. Apenas Crux e Aiglamene ficaram. Então, Harrow inclinou a cabeça para o lado como um pássaro intrigado e sorriu um sorriso minúsculo e desdenhoso.

— Que rude e básico — disse ela. — Que eficaz, que grosseiro. Os meus pais deviam ter-te sufocado.

— Gostava de os ver tentar agora — disse Gideon, impassível.

— Farias isso mesmo que não houvesse nenhum ganho final — disse a Senhora e até ela parecia estar maravilhada com isso. — Mesmo sabendo o que sofrerias. Mesmo sabendo o que isso significa. E tudo porque…?

— Tudo *porque* — disse Gideon, olhando de novo para o relógio — eu te odeio absolutamente, *porque* tu és uma horrível bruxa infernal. Sem ofensa.

Houve uma pausa.

— Oh, Griddle! — disse Harrow com pena, no silêncio. — Mas eu nem sequer me lembro de ti na maior parte do tempo.

Elas entreolharam-se. Havia um meio-sorriso, não reprimido, a puxar a boca de Gideon, e olhar para ele fez a expressão de Harrowhark transformar-se em algo ainda mais sombrio e petulante.

— Puseste-me num impasse — disse ela e parecia relutantemente impressionada com o facto. — A tua boleia vai chegar em cinco minutos. Não duvido de que tenhas todos os documentos e que eles pareçam verdadeiros. Seria um pecado mestre se eu empregasse violência injustificada. Não há realmente nada que eu possa fazer.

Gideon não disse nada. Harrow continuou:

— A convocação é real, sabes? Há assuntos importantes da Nona em andamento. Não nos vais dar alguns minutos para participares na última reunião da tua Casa?

— Nem pensar — disse Gideon.

— Posso apelar para o teu profundo sentido de dever?

— Não — disse Gideon.

— Valeu a pena tentar — admitiu Harrow. Ela bateu no queixo, pensativamente. — Que tal um suborno?

— Isto deve ser bom — disse Gideon para ninguém em particular. — «Gideon, aqui está algum dinheiro. Podes gastá-lo aqui mesmo, em ossos.» «Gideon, vou ser sempre simpática e não serei má contigo se voltares. Podes ficar com o quarto do Crux.» «Gideon, aqui está uma cama cheia de jeitosas a contorcerem-se. Mas são as claustrais, por isso têm noventa por cento de osteoporose.»

Do bolso, com um certo drama, Harrowhark tirou um pedaço de pergaminho novo. Era papel — papel de verdade! — com o cabeçalho oficial da Nona Casa na parte superior. Ela devia ter vasculhado os cofres para conseguir aquilo. Os pelos da nuca de Gideon arrepiaram-se em alerta. Harrow caminhou ostensivamente para a frente, para o deixar num ponto intermédio seguro entre as duas, e recuou com as mãos abertas em sinal de rendição.

— *Ou* — disse a Senhora, enquanto Gideon se baixava lentamente para lhe pegar — pode ser uma compra absolutamente autêntica da tua comissão na Coorte. Não podes falsificar isso, Griddle, tem de ser assinado com sangue, portanto não o enfies nas calças ainda.

Era um contrato genuíno da Nona, escrito de forma correta e clara. Adquiria a comissão de Gideon Nav como segunda-tenente, não podendo ser revendido, mas renunciando ao capital se ela passasse à reserva com honras. Concedia-lhe uma formação completa de oficial. A enorme percentagem habitual de prémios e territórios seria entregue à sua Casa se fossem ganhos, mas a sua servidão inflacionada da Nona seria paga em cinco anos com boas condições, em vez de trinta. Era mais do que generoso. Harrow estava a dar um tiro no próprio pé. Estava a disparar corajosamente num pé e depois a apontar para o outro. Perderia os direitos sobre Gideon para sempre. Gideon ficou absolutamente fria.

— Não podes dizer que não me importo — disse Harrow.

— Tu não te importas — disse Gideon. — Farias com que as freiras se comessem umas às outras se ficasses aborrecida. És uma psicopata.

Harrow disse:

— Se não o queres, devolve-o. Ainda posso usar o papel.

A única opção sensata era dobrar o documento em forma de dardo e lançá-lo de volta para onde tinha vindo. Faltavam quatro minutos para o vaivém aterrar e ela poder fugir para longe deste sítio. Já tinha vencido e esta era uma vulnerabilidade que poria em risco tudo pelo qual ela tinha trabalhado — meses a tentar descobrir como se infiltrar no sistema de ordens permanentes dos vaivéns; meses para esconder os seus rastos, obter os formulários certos, intercetar comunicações, esperar e suar. Era um truque. E era um truque de Harrowhark Nonagesimus, o que significava que seria terrivelmente desagradável…

Gideon disse:

— Está bem. Diz o teu preço.

— Quero que estejas lá em baixo na reunião de mobilização.

Ela não se preocupou em esconder o seu espanto.

— O que é que vais anunciar, Harrow?

A Venerável Filha permaneceu sem sorrir.

— Isso gostavas tu de saber.

Houve um longo momento de silêncio. Gideon soltou um longo suspiro por entre os dentes e, com um esforço heroico, deixou cair o papel no chão e recuou.

— Não — disse ela e ficou interessada ao ver um pequeno movimento nas sobrancelhas pretas da Senhora. — Vou seguir o meu próprio caminho. Não vou a Drearburh por ti. Porra, não vou a Drearburh nem que conseguisses pôr o esqueleto da minha mãe a dançar para mim.

Harrow cerrou as mãos enluvadas em punhos e perdeu a compostura.

— Pelo amor de Deus, Griddle! Esta é a oferta perfeita! Estou a dar-te tudo o que sempre pediste, tudo aquilo pelo qual imploraste incessantemente, sem sequer precisares de ter a graça ou a compreensão de saber por que razão não o podias ter! Ameaças a minha Casa, desrespeitas os meus assistentes, mentes, trapaceias, roubas e espias; sabes muito bem o que fizeste e sabes que és um pequeno *cuco nojento*!

— Detesto quando ages como uma freira púdica — disse Gideon, que só estava sinceramente arrependida por uma das coisas daquela lista.

— Tudo bem — rosnou Harrowhark, agora com toda a aparência de estar de mau humor. Estava a esforçar-se para tirar as suas longas vestes ornamentadas, com a caixa torácica humana, que usava presa em redor do seu longo torso, a brilhar branca contra o preto. Crux exclamou de desânimo quando ela começou a soltar os pequenos fechos de prata que a prendiam ao seu peito, mas ela silenciou-o com um gesto seco enquanto a tirava. Gideon sabia o que ela estava a fazer. Uma grande onda de piedade e repulsa misturadas percorreu-a enquanto observava Harrow a tirar as suas pulseiras de osso, os dentes que mantinha ao pescoço e os pequenos brincos de osso nas orelhas. Ela despejou tudo nos braços de Crux, voltando para o campo de aterragem e apresentando-se como uma aljava vazia. Vestindo apenas luvas, botas,

camisa e calças, com o cabelo preto curto e o rosto contraído de raiva, ela parecia aquilo que realmente era: uma rapariga desesperada, mais nova do que Gideon, e bastante pequena e frágil.

— Olha, Nonagesimus — disse Gideon, completamente desequilibrada e agora envergonhada de facto —, para com isso. Não faças… o que quer que estejas prestes a fazer. Deixa-me ir.

— Não podes virar as costas e ir-te embora assim tão facilmente, Nav — disse Harrowhark, com um frio palpável.

— Queres levar uma sova como despedida?

— Cala-te — disse a Senhora da Nona e, de forma horripilante: — Vou alterar os termos. Uma luta justa e…

— … e eu vou-me embora sem castigo? Não sou assim tão estúpida…

— Não. Uma luta justa e podes partir *com a comissão* — disse Harrow. — Se eu ganhar, vens para a reunião e depois vais-te embora, *com a comissão*. Se eu perder, vais-te embora agora, *com a comissão*.

Ela apanhou o papel do chão, tirou uma caneta-tinteiro do bolso e colocou-a entre os lábios para perfurar profundamente a bochecha. A caneta saiu coberta de sangue — um dos seus truques de festa, pensou Gideon, entorpecida — e ela assinou: *Pelleamena Novenarius, Venerável Madre do Túmulo Fechado, Senhora de Drearburh, Governante da Nona Casa*.

Gideon disse, sentindo-se idiota:

— Essa é a assinatura da tua mãe.

— Não vou assinar como eu, sua completa imbecil, isso revelaria todo o jogo — disse Harrow. Assim tão perto, Gideon podia ver as estrelas vermelhas nos cantos dos olhos dela, as manchas cor-de-rosa de alguém que não tinha dormido a noite toda. Ela estendeu a comissão e Gideon agarrou-a com uma fome descarada, dobrando-a e enfiando-a por baixo da camisa e dentro do sutiã. Harrow nem sequer sorriu. — Aceitas um duelo comigo, Nav, diante do meu marechal e da minha guarda. Uma luta justa.

Acima de tudo, Harrowhark era uma criadora de esqueletos e, na sua raiva e orgulho, estava na verdade a oferecer uma luta injusta. A especialista puro-sangue da Nona tinha-se desarmado ao iniciar uma luta sem nenhum corpo para levantar e nem sequer um botão de osso para a ajudar. Gideon só tinha visto Harrow neste estado uma vez antes

e achara que provavelmente nunca mais a veria assim. Só uma besta completa concordaria com tal duelo e Harrowhark sabia disso. Seria preciso um sacana inveterado. Seria um embaraçoso ato de crueldade.

— Se eu perder, vou à tua reunião e saio com a comissão — disse Gideon.

— Sim.

— Se eu ganhar, parto com a comissão agora — disse Gideon.

Sangue manchava os lábios de Harrow.

— Sim.

Acima, ouviu-se um rugido de ar deslocado. Um holofote tremeluziu sobre o poço de perfuração enquanto o vaivém, finalmente a fazer a sua descida, se aproximava da ferida no manto do planeta. Gideon olhou para o relógio. Dois minutos. Sem hesitar, ela revistou a Venerável Filha: braços, tronco, pernas, um aperto rápido nas botas. Crux gritou novamente de repulsa e consternação ao ver a cena. Harrow não disse nada, o que era mais desdenhoso do que qualquer coisa que ela *pudesse* ter dito. Mas não se chegava a lado nenhum com suavidade. A Casa era dura como ferro e o ferro esmagava-se onde era fraco.

— Vocês ouviram-na — disse ela a Crux e Aiglamene. Crux olhou para ela com o ódio de uma estrela em explosão; o ódio vazio da pressão puxada para dentro, um ressentimento deformador e devorador de luz. Aiglamene recusou-se a encontrar o seu olhar. Isso era péssimo, mas tudo bem. Gideon começou a vasculhar a sua mochila à procura das luvas. — Vocês ouviram-na. Vocês testemunharam. Eu vou de qualquer maneira e ela ofereceu os termos. Luta justa. Juras pela tua mãe que é uma luta justa?

— Como te *atreves*, Nav…

— Pela tua mãe. E até ao chão.

— Juro pela minha mãe. Não tenho nada comigo. Até ao chão — disse Harrow, ofegante de raiva. Enquanto Gideon calçava rapidamente as luvas de polímero, apertando os fechos grossos nos pulsos, o sorriso dela distorceu-se. — Meu Deus, Griddle, nem sequer estás a usar couro. Não sou assim tão boa.

Elas afastaram-se uma da outra e Aiglamene ergueu finalmente a voz acima do barulho crescente da nave:

— Gideon Nav, recupera a tua honra e dá uma arma à tua senhora.

Gideon não conseguiu evitar:

— Está a pedir-me que… *lhe dê uma hipótese*?

— *Nav!*

— Eu dei-lhe toda a minha vida — disse Gideon e desembainhou a sua espada.

A espada era apenas um gesto. O que deveria ter acontecido era Gideon levantar o pé e atirar Harrow de rabo para o chão, com força suficiente para impedir que a Senhora da Nona se envergonhasse ao levantar-se repetidamente. Uma bota no estômago de Harrow e tudo estaria resolvido. Ela ter-se-ia sentado em cima de Harrow se fosse necessário. Ninguém na Nona Casa compreendia o que era a crueldade, não realmente, nenhum deles exceto a Venerável Filha; nenhum deles compreendia a brutalidade. O conhecimento tinha sido expurgado deles, evaporado pela escuridão que se acumulava no fundo das catacumbas intermináveis de Drearburh. Aiglamene ou Crux seriam obrigados a declarar uma luta justa vencida e Gideon teria saído dali como uma mulher quase livre.

O que aconteceu foi que Harrowhark tirou as luvas. As suas mãos estavam destruídas. Os dedos estavam cheios de sujidade e cortes a sangrar e havia terra presa nas feridas e debaixo das unhas estragadas. Ela largou as luvas e agitou os dedos na direção de Gideon e esta teve uma fração de segundo para perceber que aquilo era terra do poço e que ela estava completamente lixada em todas as direções.

Ela atacou. Era tarde demais. Ao lado dos montes de terra e pedras que ela tinha cuidadosamente desfeito a pontapé, esqueletos irromperam da terra dura onde tinham sido enterrados à pressa. Mãos surgiram de pequenos buracos no chão, perfeitas, com quatro dedos e polegar. Gideon, estupidificada com suposições, chutou-as e desviou-se para o lado. Ela correu. Não adiantava; a cada metro e meio — a cada maldito metro e meio — ossos irrompiam do chão, agarrando as suas botas, os seus tornozelos, as suas calças. Cambaleou, desesperada por encontrar os limites do campo, mas não havia nenhum. O chão do poço estava a irromper com dedos e pulsos, a acenarem suavemente como se fossem sacudidos pelo vento.

Gideon olhou para Harrow. Harrow estava a suar sangue e o seu olhar era calmo, frio e seguro.

Com um grito incoerente, ela mergulhou de volta em direção à Senhora de Drearburh, esmagando carpos e metacarpos enquanto corria, mas não importava. A partir de um fémur enterrado, uma tíbia escondida, os esqueletos formavam-se para Harrow em perfeita integridade e, quando Gideon se aproximou da sua senhora, uma onda gigantesca de ossos reanimados abateu-se sobre ela. A sua bota empurrou Harrow para os braços de duas das suas criações, que a levaram facilmente para longe do perigo. O olhar imperturbável de Harrowhark desapareceu atrás de uma névoa de homens sem carne, de fémures e tíbias e punhos sobrenaturalmente rápidos. Gideon usou a sua espada como uma alavanca, cobrindo-se de lascas de osso e cartilagem e tentando fazer com que cada corte valesse a pena, mas eles eram demasiados. Eram simplesmente demasiados. Substitutos surgiam ao mesmo tempo que ela os pulverizava numa chuva de ossos. A partir dos frutos do jardim mórbido que Harrow tinha semeado, cada vez mais deles a atiravam ao chão, não importava para que direção ela se esquivasse.

O rugido da nave abafou o barulho dos ossos e o sangue nos seus ouvidos, enquanto ela era agarrada por dezenas de mãos. O talento de Harrowhark fora sempre em escala, na criação de um constructo totalmente realizado a partir de tão pouco como um osso do braço ou uma pélvis; era capaz de fazer um exército deles com o que qualquer outra pessoa precisaria para fazer um. De alguma forma distante, Gideon sempre soubera que seria assim que partiria: violada até à morte por esqueletos. A confusão dissipou-se para dar lugar a um pé calçado com uma bota que a derrubou. Os homens de osso mantiveram-na no chão, enquanto ela se tentava levantar, cuspindo e sangrando, para dar com Harrow escondida entre os seus lacaios sorridentes, pensativa, serena. Harrowhark pontapeou Gideon no rosto.

Por alguns segundos, tudo ficou vermelho, preto e branco. A cabeça de Gideon girou para o lado enquanto ela tossia um dente, sufocada, lutando para se levantar. A bota pressionou-se contra a sua garganta e depois para baixo, cada vez mais para baixo, forçando-a de volta ao chão duro e arenoso. A descida da nave provocou uma tempestade de

pó pungente, fazendo alguns dos esqueletos voarem. Harrow descartou-os e eles caíram em pilhas anatómicas imóveis.

— É patético, Griddle — disse a Senhora da Nona. Os ossos estavam a cair dos seus lacaios agora, após a descarga inicial de adrenalina. Soltavam-se e caíam inertes no chão, um braço aqui, uma mandíbula ali, enquanto se desformavam. Ela tinha-se esforçado imenso. Irradiando-se delas, havia um círculo de buracos na terra dura, como pequenas minas explodidas. Ela estava de pé no meio dos buracos com o rosto quente e ensanguentado e o nariz a pingar sangue. Com indiferença, Harrow limpou o rosto com o antebraço.

— É patético — repetiu ela, com a voz ligeiramente grossa devido ao sangue. — Eu aumento o volume. Faço um espetáculo. E tu sentes-te mal. Tornas tudo tão fácil. Fiquei mais cansada e a suar a cavar a noite toda.

— Tu cavaste — sussurrou Gideon, com a voz abafada pelo cascalho e pelo pó — a noite toda.

— Claro. Este chão é duro como o caraças e há muito para cobrir.

— Sua *doida varrida* — disse Gideon.

— Declara, Crux — ordenou Harrowhark.

Foi com alegria maldisfarçada que o seu marechal gritou:

— Uma luta justa. O inimigo está no chão. Vitória para a *Lady* Nonagesimus.

A *Lady* Nonagesimus voltou-se para os seus dois assistentes e ergueu os braços para que lhe colocassem a capa descartada nos ombros. Ela tossiu um pequeno coágulo de sangue para o chão e fez um gesto para que Crux, que pairava à sua volta, a deixasse. Gideon levantou a cabeça e depois deixou-a cair com força no chão de cascalho, atordoada e fria. Aiglamene estava a olhar para ela agora com uma expressão que ela não conseguia decifrar. Simpatia? Desapontamento? Culpa?

A nave tocou com os seus pés de acoplamento no solo, pressionando o chão com força. Gideon olhou para ela — as suas laterais brilhantes, as saídas de vapor do motor — e tentou levantar-se apoiando-se nos cotovelos. Não conseguiu. Ainda estava sem fôlego. Nem sequer conseguia levantar um dedo médio trémulo para a vencedora. Ficou apenas a olhar para a nave, para a sua mala e a sua espada.

— Anima-te, Griddle — disse Harrowhark. Cuspiu outro coágulo para o chão, perto da cabeça de Gideon. — Capitã, vá dizer ao piloto para se sentar e esperar; será pago pelo seu tempo.

— E se ele perguntar pela sua passageira, minha senhora? — Deus abençoasse Aiglamene.

— Está atrasada. Diga-lhe que ele deve esperar uma hora a meu pedido, com as minhas desculpas. Os meus pais já esperaram tempo suficiente e isto demorou um pouco mais do que eu pensava. Marechal, leve-a para o santuário…